

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

GESSIONE ALVES DA CUNHA

A FELICIDADE PESSOAL COMO OBJETIVO DA EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA:
UMA VISÃO DA FINALIDADE DA EDUCAÇÃO À LUZ DA FILOSOFIA CLÁSSICA E
PERENE

ANÁPOLIS
2018

GESSIONE ALVES DA CUNHA

A FELICIDADE PESSOAL COMO OBJETIVO DA EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA:
UMA VISÃO DA FINALIDADE DA EDUCAÇÃO À LUZ DA FILOSOFIA CLÁSSICA E
PERENE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação da Faculdade
Católica de Anápolis para obtenção do
título de Especialista em Docência
Universitária, sob orientação da Profa. Ma.
Allyne Chaveiro Farinha.

ANÁPOLIS

2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

GESSIONE ALVES DA CUNHA

A FELICIDADE PESSOAL COMO OBJETIVO DA EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA:
UMA VISÃO DA FINALIDADE DA EDUCAÇÃO À LUZ DA FILOSOFIA CLÁSSICA E
PERENE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
coordenação do Curso de Especialização em
Docência Universitária da Faculdade Católica de
Anápolis como requisito para obtenção do título de
Especialista.

Anápolis-GO, 20 de outubro de 2018.

APROVADA EM: 20/10/2018 NOTA _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Allyne Chaveiro Farinha
Orientadora

Profa. Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel
Convidada

Prof. Me. Halan Bastos Lima
Convidado

DEDICO...

Aos professores que tive ao longo de minha formação, que me inspiraram amor ao conhecimento.

Aos colegas da XIX Turma de Docência Universitária da Faculdade Católica de Anápolis dos quais muito aprendi ao longo do curso.

À minha família que compreendeu minhas ausências por dedicar-me aos estudos.

Aos professores e à coordenação do curso de especialização em docência universitária pelo esforço, dedicação e profissionalismo com que conduziram o curso e por me inspirarem o desejo de me adentrar na docência universitária.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Allyne Chaveiro Farinha, minha orientadora, pelas conversas e discussões temáticas que extrapolaram, para o meu proveito, o espaço da manufatura do presente trabalho. Reconheço também com gratidão as valiosas reflexões sobre políticas e gestão no ensino superior.

Agradeço ao Professor Paulo Veras pelas excelentes aulas de liderança, oratória e *marketing* pessoal docente, assim como as aulas de diversidade no Ensino Superior. Obrigado por ensinar-me a cuidar da minha imagem como educador e a saber promover o excelente e incomensurável produto que possuímos, o saber. Agradeço ainda por me provocar novas reflexões sobre como lidar com as diversidades no mundo acadêmico.

Remerço igualmente ao Professor Willian Cândido por suas aulas tão amenas e à par de uma agudeza ímpar. Muito obrigado por nos ensinar a fazer uma investigação científica!

Apreendi do Professor Wesley Rodrigues como ser um educador metódico, exigente e motivador. Estou agradecido por ter me tirado da minha zona de conforto. Apesar de as tecnologias não serem minha área de conhecimento e atuação com as aulas ministradas se tornaram objetos do meu interesse.

À Professora Katia Cilene meus mais sinceros agradecimentos pela paciência e compreensão. Eternamente agradecido por ter-me ensinado a planejar e aplicar avaliações inteligentes.

Ao Frei Flávio Noletto como não agradecer por tornar os sábados que estive conosco tão agradáveis. Apresentou-nos uma filosofia da educação atrativa e atraente. Ainda ressoa nos meus ouvidos seus comentários provocadores, seguidos de gostosas risadas.

No nome da Marisa Roveda agradeço toda a coordenação e direção da Faculdade Católica de Anápolis por conduzir acertadamente o curso de Pós-graduação em Docência Universitária. A ela também minha gratidão pelas excelentes e maravilhosas orientações para a prática docente e a didática no ensino superior.

Finalmente, não passa despercebida, escondidinha detrás de uma mesa, nossa querida secretária Josefina. Obrigado por desatar todos os nós que iam aparecendo em nossos estudos.

A educação clássica busca formar o homem enquanto homem, e não enquanto elemento a serviço de um maquinismo político, enquanto semelhante a uma abelha na colmeia.

Henri-Irénée Marrou

RESUMO

A educação possui uma história. Há escolas de pensamento e de educadores. Existem filosofias da educação que marcaram profundamente o rumo do saber de outros povos ao longo da história. No presente trabalho tratou-se de investigar o percurso histórico dos grandes legados do saber para a humanidade. Retornou-se ao berço do pensamento filosófico ocidental para, a partir do conceito de paideia, procurar os objetivos que marcaram profundamente o nascimento da educação no mundo greco-romano e sua influência no surgimento das universidades na Idade Média. A pesquisa bibliográfica e comparativa foi atrás dos grandes pensadores da filosofia clássica e comparou sua influência no pensamento educacional na Idade Média cristã e de forma geral em todo o ocidente. Conclui-se parcialmente que a visão da finalidade da educação clássica e perene é profundamente marcada por uma antropologia e uma metafísica personalistas. O fim último do homem é a felicidade e a educação, para que seja ela também humanizada, não pode buscar outro fim diverso daquele do seu sujeito ativo.

Palavras-chave: Contemplação. Educação. Filosofia Clássica. Filosofia Perene. Felicidade. Humanismo. Paideia. Pensamento.

ABSTRACT

Education has a history. There are some schools of thought and educators. There are philosophies of education that have profoundly marked the course of knowledge of other peoples throughout history. This academic work investigated the historical route of humanity's best legacies of knowledge by analyzing the concept of paideia as well as by looking for both the purposes that marked the birth of education in the Greco-Roman world and also how it influenced the rising of universities in the Middle Ages. A bibliographic and comparative research of great thinkers of Greek classical philosophy was drawn up, so as to compare their influence on educational thinking in the Christian Middle Ages and, in a broader sense, throughout the Western Hemisphere. A partial conclusion is that the purpose of classical and perennial education is deeply marked by a personalistic anthropology and metaphysics. The ultimate end of man is happiness, so education ought to seek the same end of its active subject in order to be rightly called human education.

Keywords: Contemplation. Education. Classical Philosophy. Perennial Philosophy. Happiness. Humanism. Paideia. Thought.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 1. A EDUCAÇÃO NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA: PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS	10
2.1 A EDUCAÇÃO GREGA	11
2.2 PEDAGOGIA DE PLATÃO	14
2.3 PEDAGOGIA DE ARISTÓTELES	15
2.4 A EDUCAÇÃO ROMANA	17
3 2. O CONCEITO DE FELICIDADE COMO META DO CONHECIMENTO EM ARISTÓTELES: FILOSOFIA CLÁSSICA E PERENE	20
4 3. A CONTEMPLAÇÃO COMO OBJETO DO CONHECIMENTO EM TOMÁS DE AQUINO	26
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
7 REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa centrou-se na investigação do objetivo da educação clássica greco-romana e sua influência no mundo ocidental cristão, sobretudo na Idade Média ao nascerem as universidades. Analisou-se o conceito grego de *Paideia* e seu correspondente no mundo romano, *Humanitas*. Para o mundo grego tomou-se o pensamento de dois grandes representantes da época clássica, Platão e Aristóteles. Já para o mundo latino concentrou-se a revisão bibliográfica no pensamento de Tomás de Aquino e sua releitura de Aristóteles quanto ao pensamento educacional.

Objetivou-se promover a reflexão e a visão da filosofia da educação clássica e perene, assim como sua validade para a contemporaneidade, como respostas ainda válidas para os problemas sociais e educacionais atuais. Essa promoção se deu através da escrita, da investigação e do resgate da visão da educação em seus primórdios, para que não caia no vazio ou no olvido: “*Historia, magistra vitae est*”. Igualmente aspirou a ser uma crítica ao perigo de tornar os objetivos da educação exclusivamente apontados para o desenvolvimento econômico e à produção da riqueza em detrimento da felicidade do homem.

No primeiro capítulo foram colocados os pressupostos históricos da filosofia da educação clássica. Apresentou-se o conceito de paideia e sua influência no mundo ocidental medieval e atual. Foram ressaltadas as características específicas da educação grega e romana. Especial releve nesse embasamento histórico deu-se ao pensamento educacional de Aristóteles e Platão.

O segundo capítulo abordou uma visão mais acurada do pensamento aristotélico com respeito ao ensino. Expôs, com o Filósofo, a felicidade como meta da educação. Antes, porém, de dispor a figura de Aristóteles como insigne representante da filosofia clássica e perene, este capítulo fez uma clara distinção entre filosofia clássica perene e o perenialismo dos metafísicos do século XX.

A terceira parte da pesquisa designou Tomás de Aquino e seu conceito de contemplação como ideal do processo educativo. Identificou a releitura tomasiana do conceito aristotélico de eudamonia. Assim como Aristóteles, Tomás de Aquino debruçou-se sobre o objetivo e a finalidade do ensino. Ambos coincidem que o fim da educação deva coincidir com o fim último do homem, ou seja, a busca pela felicidade.

1. A EDUCAÇÃO NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA: PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS

Houve na história da humanidade povos que evoluíram e se destacaram nos campos social, político, educacional, artístico e cultural mais do que outros povos e nações. Esses povos marcaram época e influenciaram em maior ou menor medida todas as demais épocas que se seguiram a eles. Tornaram-se assim uma civilização. Não é possível começar uma reflexão sobre o ideal da educação, segundo a filosofia clássica e perene, sem se remontar às origens do conceito de educação (JAEGER, 1995). Grécia e Roma estão nos primórdios da presente investigação acerca da concepção educacional clássica e perene, que se propõe revitalizar e propor, *mutatis mutandis*¹, como um ideal formativo ainda válido e eficiente para a contemporaneidade.

A história da educação na Antiguidade não pode deixar indiferente nossa cultura moderna: ela retraza as origens diretas de nossa própria tradição pedagógica. Somos greco-latinos: o essencial da nossa civilização veio da deles (sic): isto é verdadeiro, num grau eminente, para nosso sistema de educação (MARROU, 1973, p. 4).

Em momentos de crises na educação, de falência de vários modelos propostos, de modas passageiras de sistemas e teorias educacionais que não deram os frutos cuja expectativa se criou, faz-se urgente uma revisitação ao passado e uma volta às origens em busca de valores e princípios perenes no mundo da educação. Esses valores imutáveis podem e devem ser repropostos como elementos ainda válidos e úteis para o homem de todos os tempos (CRISTIANISMO.ORG, 2006).

Dada a influência que os pensadores da Antiguidade Clássica exerceram sobre todo o mundo ocidental fez-se uma visita ao passado, percorrendo as principais etapas de evolução do pensamento greco-romano, e de lá se extraiu as primeiras noções de educação como um ideal de felicidade e realização para o homem. O que pensaram os pais da educação, os criadores do pensamento filosófico ocidental acerca da educação, da formação do homem, da escola, da finalidade de todo processo educacional? Qual a influência dos primeiros filósofos da Grécia Antiga e

¹ Expressão latina que significa: mudando o que tem de ser mudado.

Clássica, resgatados na Idade Média, quando do nascimento das universidades? Eis o que, resumidamente, se propôs trazer à tona nas próximas linhas.

1.1 A EDUCAÇÃO GREGA

Em sua *opera magna* “Paideia: a formação do homem grego”, Werner Jaeger (1995) faz uma acurada e minuciosa reflexão sobre a formação do pensamento educacional grego. O autor considera Grécia o berço da pedagogia. A *Paideia* grega, como se verá mais adiante, vai além do entendimento da criação de meninos. Trata-se de uma ideia que abrange muitas outras concepções como podem ser a cultura, a literatura, a tradição, a política, os valores e, de modo proeminente, a educação, pesquisa do presente trabalho. A *paideia* foi o momento histórico na vida de um povo em que a razão e a liberdade empregaram todas as suas energias para a construção da natureza humana como perfeição possível (FERREIRA, 2003). Em relação à filosofia grega e sua concepção de educação o fator mais relevante e de interesse é a sua finalidade. Ela se centrava na formação integral do educando. Mirava o corpo e o espírito. Assestou o homem em sua totalidade.

Todo povo que atinge um certo grau de desenvolvimento sente-se naturalmente inclinado à prática da educação. Ela é o princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual. Com a mudança das coisas, mudam os indivíduos; o tipo permanece o mesmo. Homens e animais, na sua qualidade de seres físicos, consolidam a sua espécie pela procriação natural. Só o Homem, porém, consegue conservar e propagar a sua forma de existência social e espiritual por meio das forças pelas quais a criou, quer dizer, por meio da vontade consciente e da razão. O seu desenvolvimento ganha por elas um certo jogo livre de que carece o resto dos seres vivos, se pusermos de parte a hipótese de transformações pré-históricas das espécies e nos ativermos ao mundo da experiência dada. Uma educação consciente pode até mudar a natureza física do homem e suas qualidades, elevando-lhe a capacidade a um nível superior (JAEGER, 1995, p.11).

O modo de conceber a educação em seu fim último como busca da sabedoria e da contemplação da verdade remonta às origens na nossa civilização ocidental. Antes dos grandes expoentes da filosofia grega: Sócrates, Platão e Aristóteles, é preciso ir aos filósofos pré-socráticos. Quase 400 séculos antes da morte do grande Estagirita deu-se o surgimento do que convencionou-se chamar de início do pensamento filosófico ocidental com Tales de Mileto (600 a.C.). Todos os pré-

socráticos contribuíram, com sua observação da natureza, a colocar as bases do que viria a ser o pensamento filosófico educacional clássico da Grécia, que influenciou todo o Ocidente. Esse pensamento filosófico associou contemplação da natureza, através da busca das causas últimas, com uma forma superior de educação do homem. Eles constituíram o problema histórico e o fundamento sistemático da filosofia ética clássica, que viria a ser mais adiante o platonismo (JAEGER, 1995).

Para Marrou (1973) há implicações notáveis entre a contemplação filosófica dos pré-socráticos e a pedagogia. Viviam absortos esquadrihando as causas por trás dos efeitos perceptíveis aos sentidos externos. A contemplação dos primeiros pensadores gregos antigos não era um mero enlevo ou encantamento da vista, mas sim uma atividade da inteligência. A contemplação dos pré-socráticos (Pitágoras, Anaxágoras, Parmênides...) era algo a ser aprendido (*ex ducere*, no sentido de conduzido de dentro para fora), cultivado, educado, disciplinado e melhorado. Não vem a coincidir com o papel da educação? O objeto da contemplação, como uso da inteligência, é o mesmo da educação. Pode ser dito com acerto que a contemplação da natureza foi o primeiro grande objeto da educação entre os filósofos antigos. É notável e de se admirar que à época dos pré-socráticos a função de guia da educação nacional estava indiscutivelmente reservada aos poetas, a quem se associavam o legislador e o homem de Estado.

Na pólis buscava-se formar homens cidadãos-livres (JAEGER, 1995). A promoção do uso da razão, da inteligência crítica promoveu o desenvolvimento individual, no corpo e no espírito. Por conseguinte, toda a sociedade se beneficiava de indivíduos integralmente formados. Inicialmente a educação, na Grécia Antiga, era ministrada na família. Com a criação da pólis começaram a surgir as primeiras escolas. Destacaram-se como modelos de educação duas polis: Esparta e Atenas.

Ainda de acordo com a pesquisa de Werner Jaeger (1995), no século IX a.C. o legislador Licurgo organizou o Estado e a educação de Esparta. A visão de educação espartana era severa, militaresca e bélica. O Estado controlava a educação de seus cidadãos a partir dos sete anos de idade. O escopo dessa atividade educacional era o de proporcionar ao espartano a perfeição física, a coragem e o hábito da obediência para se transformar em bom soldado. Tal modelo de educação rigorosa não proporcionou em Esparta um esplendor artístico e filosófico. Os espartanos eram formados no mais profundo laconismo e não apreciavam debates ou discursos. Eram práticos, objetivos e beligerantes. Contudo, Esparta tem seu lugar na

história da educação. Sua criação mais característica é seu Estado, representando aqui, pela primeira vez, uma força educadora no mais vasto sentido da palavra (JAEGER, 1995). Para o homem do século IV a.C. a possibilidade de educação dependia, em última análise, de conseguir uma norma absoluta para a ação humana. Os espartanos já haviam resolvido essa problemática social.

Para Nielsen (1988), em Atenas a educação desenvolveu-se de maneira mais acurada e arguta. O Estado tinha por finalidade assegurar ao cidadão a liberdade pessoal para garantir condições vantajosas em relação à sua educação. O ensino era supervisionado pelo Estado, porém não era obrigatório, nem gratuito. Contudo, havia um ambiente de liberdade. Aos sete anos os meninos eram entregues aos pedagogos (*παιδαγωγός*, aquele que conduz o menino pela mão até o conhecimento). Surgiram assim as escolas, chamadas de *paedagogium*. Nestas escolas aprendiam-se música e ginástica na palestra. Havia um ensino elementar de leitura e escrita, de cálculos, ministrado pelo mestre, pessoa humilde e mal remunerada. Observa-se que o tema da baixa remuneração da classe docente consiste numa problemática de longas datas.

Aos 13 anos completava-se esse ciclo formativo. Os adolescentes economicamente desfavorecidos aprendiam um ofício. Já os abastados ingressavam no ginásio. Dos 16 aos 18 anos submetiam-se a uma preparação militar, efébrica. Mais adiante essa etapa da educação veio a se tornar a escola de filosofia e literatura. Finalmente, com os sofistas, instituiu-se o ensino superior na Grécia. Os sofistas insurgiram-se contra os métodos dos pré-socráticos, dogmáticos, apresentando outros métodos de ensino baseados no diálogo, no debate e na crítica, a *heurística*. Questionando tudo os sofistas instauraram a dialética como método de ensino (NIELSEN, 1988).

Sócrates foi quem definiu o problema do conflito educacional grego que se centrava entre o interesse social e o individual. Qual deve prevalecer? Há uma harmonia (filha da deusa do amor com o deus da guerra)? É possível achar uma conciliação entre os interesses? Para o mestre de Platão a finalidade da educação seria o de transmitir o saber mediante o desenvolvimento do pensamento da pessoa. Tratava-se de adquirir o conhecimento de verdades universais (JAEGER, 1995).

Em linhas gerais, os gregos aspiraram desenvolver no homem as características que ele tem enquanto homem e não apenas enquanto animal. “Os verdadeiros filósofos (sábios) são aqueles que gostam de contemplar a verdade”, dirá

Platão no discurso Timeu (PLATÃO, 28 c-29a.). Marrou (1973) corrobora este mesmo pensamento ao afirmar que a essência de toda a educação ou paideia é a que dá ao homem o desejo e a ânsia de se tornar um cidadão perfeito e o ensina a mandar e obedecer, tendo a justiça como fundamento.

1.2 PEDAGOGIA DE PLATÃO

Discípulo de Sócrates, viu a necessidade de se procurar uma nova base moral para a vida centrada na verdade universal. Propôs um ideal filosófico no qual a educação dependia de uma elevada capacidade de abstração, de raciocínio lógico. Subordina a educação às questões filosóficas. Seu pensamento educacional se encontra principalmente em duas grandes obras de sua autoria: A República e As Leis. Projetou um sistema educacional dos sete aos cinquenta e cinco anos no qual dividia os homens em almas de ouro, prata, ferro e bronze. Segundo esse seu sistema somente alguns possuíam alma de ouro e o ciclo educacional completo estava destinado a estes. O critério não consistiria numa injustiça, já que os demais não se interessariam em enfrentar um aprendizado tão longo e árduo (JAEGER, 1995). Em sua obra “As Leis”, Platão procurou traçar o esquema do pensamento político e pedagógico da Antiguidade helênica. Concluiu que havia duas formas fundamentais que representavam a totalidade da cultura política de seu povo: o Estado militar espartano e o Estado jurídico da Jônia.

Observa-se na seguinte máxima uma síntese do pensamento platônico sobre a educação: “Um homem livre não deve ser escravizado na aquisição de qualquer conhecimento” (PLATÃO, 1999). Ele, assim como o grande legislador espartano, Licurgo, dava ênfase à força da educação e à formação da consciência dos cidadãos, mais do que às prescrições escritas (JAEGER, 1995). Contudo, para Nielsen (1988), as concepções educacionais de Platão não tiveram qualquer influência na sua época. Contudo, para Marrou (1973), Platão realizou tudo quanto descreveu na República, por mais idílico e utópico que tivera sido descrito, não em uma grande elite dirigente, mas na pessoa de seu discípulo Aristóteles. Através dele, a cidade onde esta elite de um só exerceu o poder, sem necessidade de cargos públicos, foi a própria civilização ocidental. Platão encontrou em Aristóteles uma alma de ouro e depositou nele seu pensamento, através do qual se multiplicou influenciando toda uma civilização.

Ainda com Jaeger (1995) vemos que Platão coincidia em seu pensamento com o grande ideal da paideia. Seu sistema educacional visava às mesmas conquistas: formação ética de um cidadão perfeito e completo, capaz de liderar e ser liderado, assim como a capacidade de desempenhar um papel maior na sociedade. Platão insistia na atenção que se deveria dar à educação desde a mais tenra idade. Propunha que se cuidasse inclusive os tipos de fábulas que se contavam às crianças. Deveria procurar-se aquelas que moldassem nelas o amor à virtude (PLATÃO, 1999). Para ele a arte refletia a harmonia da alma.

1.3 PEDAGOGIA DE ARISTÓTELES

Aristóteles não era ateniense. Nasceu em Estagira, na Trácia, em 384 a. C., e só chegou a Atenas aos 18 anos de idade. Como discípulo de Platão ao longo de vinte anos o Estagirita aprofundou e ampliou o pensamento platônico, promovendo em suas obras mais alguns avanços. Em sua grande e conhecida obra, *Ética a Nicômaco*, o filósofo expõe a sua concepção teleológica e eudaimônica de racionalidade prática. Apresenta a felicidade como o fim das ações humanas. O bem é aquilo a que todas as coisas tendem, *telos* (fim). Todas as coisas tendem a um fim, ou seja, encaminham-se a um bem. Segundo o pensamento educacional de Aristóteles o homem pode chegar à felicidade pelo uso ordenado da razão (ARISTÓTELES, 1991).

Na *Metafísica* ele afirma que todo homem, por natureza, deseja saber (ARISTÓTELES, 2002). Na síntese feita por Aristóteles encontra-se uma demonstração de que na contemplação das verdades eternas, da causa primeira de todas as coisas, consistia o fim último e a felicidade do homem. Para ele o homem sábio era maximamente feliz.

De acordo com o pensamento de Nielsen (1988), Aristóteles foi o pedagogo da família, enquanto seu mestre fora o educador do Estado. Para o Filósofo a família era a responsável por excelência pela educação dos filhos. Somente os pais conheciam, melhor que ninguém, seus filhos e podiam infundir neles o conhecimento e o amor pela virtude, assim como os bons hábitos, imprescindíveis para a educação. O Estado completaria essa formação posteriormente. Para facilitar o trabalho da família elaborou uma série de pensamentos orientadores para as atividades educacionais. A obediência aos pais era regra no conjunto destas máximas.

Recomendava até mesmo a coerção física para fazer valer esse preceito. Insistia, contudo, que a melhor motivação era o prazer e não o castigo.

A grande capacidade de contemplação e abstração de Aristóteles, própria do homem clássico, foi plasmada em inúmeras obras. Ele foi capaz de fazer uma magnífica síntese filosófica da ordem do universo. Em seus escritos nota-se uma diligência em buscar a essência da ordem do universo em todas as suas manifestações possíveis, inclusive na ética e na política (CRISTIANISMO.ORG, 2006). Por séculos Aristóteles ficou esquecido até ser resgatado pelos árabes e posteriormente tornar-se conhecido dos medievais. Suas ideias tiveram grande poder no mundo ocidental e contribuiu enormemente para plasmar o pensamento de uma civilização. Suas opiniões sobre todos os assuntos, desde a ciência natural até à ética e à política, tiveram grande força e atuação no fraguar do mundo ocidental (DE BONI, 2010).

A educação clássica ou helenística não foi algo transitório, mas um conjunto de práticas consolidada ao longo de sete séculos. Sua influência prolongou-se no espaço e no tempo. Esse ideal da formação helenística, segundo Marrou, pode ser definido com a palavra humanismo:

É claro que não pretendo fazer, dêste ideal clássico, a norma de toda educação possível, o modelo que se devesse impor, necessariamente, a nossa imitação. Pessoalmente, de modo algum faço fé nesse ponto, além do que tratando-se aqui de um trabalho de historiador, qualquer juízo a êste respeito importa bem pouco. Quero dizer, sim, que tal ideal jamais deixou de estar presente em nós: ainda que ora apareça como modelo prestigioso, ora apareça como o êrro a ser evitado, êle existe, ao menos para o homem culto que chegou a redescobri-lo ou a conhecê-lo, como uma Idéia com relação à qual se propõe o pensamento dos modernos; tal correlação é sempre fecunda, quer aceitemos a lição ministrada, quer vençamos a atração que ela exerce e ratifiquemos, à sua luz, nossa decisão e vontade próprias [sic] (MARROU, 1973, p. 340-3410).

A pesar de Aristóteles não ser conhecido por pedagogo, mas como filósofo e também por ser sua obra um tratado de filosofia, metafísica, botânica, astrologia, etc. e não um sistema de pedagogia, encontram-se em seu pensamento indicações sólidas e profundas para a condução ao pensamento pedagógico. Sua filosofia da educação perpassa sua obra e o seu fazer ciência. Faz-se necessário um maior aprofundamento e estudo sobre o Aristóteles pedagogo.

1.4 A EDUCAÇÃO ROMANA

Diferentemente dos gregos, os romanos possuíam uma mentalidade mais bem prática. Viveram para as guerras e conquistas. A reflexão filosófica não mereceu atenção de maneira sistemática. Voltavam seus interesses para a política e não tanto para a contemplação filosófica. Contudo, houve pensadores romanos que deram seu contributo ao pensamento educacional. Para Cícero, a educação era imprescindível para a cultura geral do homem. Sêneca concebia a educação como uma preparação para a vida e Quintiliano propôs uma educação que visava a escolha individual do educando, a qual se baseava em suas peculiaridades psíquicas, previamente conhecidas pelos professores (MARROU, 1973).

Em seu ensaio a Educação e o Estado Romano, Pereira Melo (2006) traça um sintético quadro sinótico da história da educação romana. Para o autor nesta sociedade rural e militar a educação estava centrada na família. O pai (*paterfamilias*) era o responsável por transmitir os valores morais, políticos e econômicos. Este sistema de ensino baseava-se no cotidiano, através da imitação. Tal ordenamento produzia formações díspares, a depender do que cada família podia instruir aos seus filhos. Neste contexto a educação organizada era relativamente rara e se dispõe de poucos relatos do processo educativo até o século II a. C. (MARROU, 1973).

Melo (2006) traça ainda um quadro da divisão dos estudos no mundo romano. Todo o currículo era bilíngue, dada a influência do grego em Roma depois da conquista por parte dos romanos. Até os sete anos as crianças eram educadas em suas próprias casas. Começava-se então o *Ludus*, onde as crianças humildes eram instruídas em escolas primárias e as crianças ricas costumavam receber a educação infantil de tutores particulares. Depois dessa fase passavam a estudar com um gramático, entre os nove e os doze anos. Nessa etapa aprimoravam a escrita e as habilidades de oratória. A partir daqui os meninos pobres, em sua quase totalidade, aprendiam algum ofício manual. As meninas, tanto pobres quanto ricas, se preparavam para o casamento e a maternidade.

Da gramática passavam à oratória. O *retor* ou orador era o tutor da fase final da educação romana. Poucos eram os meninos que estudavam retórica. Era um acesso mais fácil e seguro para um jovem romano chegar aos estudos de advogado (*ad vocatus*) ou político. Estudavam geografia, música, filosofia, literatura, mitologia e geometria, além de aprender a falar em público (MARROU, 1966).

Maria Helena Rocha (2002) menciona um terceiro estágio na formação do jovem romano, a filosofia. Consistia no nível final de instrução. Geralmente estudava-se no estrangeiro, na Grécia, nalguma de suas escolas filosóficas (platônica, aristotélica, epicuriana). Contudo os romanos se dedicavam mais ao direito e à retórica do que à filosofia.

A pesar da vigência longa da República Romana, quase cinco séculos, Roma não adotou uma política educacional em sentido estrito. Diferentemente dos gregos, para os quais a educação foi um assunto de grande interesse para o Estado (MELO, 2006). O Estado romano ao invés disso atribuiu a responsabilidade à família ou à iniciativa privada. Já com o Império, mais por propaganda do que por cultura educacional desenvolvida, tomaram-se iniciativas para transformar a educação em uma preocupação estatal.

Marrou (1973) descreve as características romanas da transformação da concepção antropológica e pedagógica grega. Tomava-se um cuidado para não helenizar os romanos, preservando virtudes e características próprias da latinidade: antropocentrismo, apreço e cultivo do ócio nobre, intelectualismo, personalismo enquanto valorização da pessoa humana e da liberdade e o culto e cultivo da beleza física e moral. Igualmente valorizavam a formação liberal.

Há uma forte coincidência entre a *paideia* grega e a *humanitas* romana. Contudo, no antropocentrismo pedagógico romano o conhecimento prático foi ressaltado em detrimento do teórico ou especulativo. Ao conceito de *areté*, como ideal do homem grego, correspondia o *virtus* romano.² O perfil do homem ideal romano, segundo Marrou (1966) era traçado pela *pietas* (piedade, zelo pela família, pelos deuses e os vencidos), a *fides* (lealdade aos pactos, amizade e à palavra dada), a *gravitas* (gravidade). Tudo isso englobava o conceito de *humanitas*, a *paideia* grega (MELO, 2006). Ambas identificavam educação e cultura.

O problema da educação, no Império, consistia em assimilar a cultura helena sem perder as virtudes essencialmente romanas. A harmonia e a síntese foi dada pela *gravitas* e *lepos* (severidade e distinção), a *gravitas cum comitate*

² O termo grego *areté* comumente é traduzido por virtude, mas ele tem uma amplitude maior. Vem a significar também coragem, conhecimento, força e excelência. Expressava o ideal de homem grego maduro e bem formado. O seu correspondente latino, *virtus*, está ligado à força do varão, do homem. Também significava o que de mais enlevo pudesse esperar de um cidadão romano.

(severidade com doçura), Junto a isso não faltavam os elementos fundamentais da romanidade, a paz e a segurança (MARROU, 1973).

2. O CONCEITO DE FELICIDADE COMO META DO CONHECIMENTO EM ARISTÓTELES: FILOSOFIA CLÁSSICA E PERENE

Antes de avançar, faz-se necessária uma aclaração do termo “Filosofia Perene” empregado nesta pesquisa. Ele foi usado pela primeira vez no Renascimento, século XVI, pelo bibliotecário do Vaticano, Agostinho Steuco, no livro *De Perenni Philosophia Libri X* (1540). A escola perenialista fará uso desse termo na contemporaneidade. Mais adiante, no século XVIII, o filósofo alemão Gottfried Leibniz o utilizou para designar a filosofia comum e eterna subjacente às grandes religiões mundiais, em particular suas místicas ou seus esoterismos e exoterismos. Na contemporaneidade, para os metafísicos da escola tradicionalista ou perenialista no século XX, representados especialmente por Guénon (1886-1951), Schuon (1907-1998) e Coomaraswamy (1877-1947), o perenialismo é a tentativa de transcender às particularidades de todos os sistemas de pensamento e religiões a fim de encontrar o que de comum e mais elevado haveria em todos (FILOSOFANTE.ORG, 2018).

A ideia central da Escola Perenialista é que a verdade metafísica fundamental é una, universal e perene, e que as diferentes religiões constituem distintas linguagens que expressam esta verdade única. Eis como um dos representantes do perenialismo contemporâneo, Coomaraswamy, explica o conceito de filosofia perene:

A filosofia perene sustenta uma visão benevolente da criação como um mundo de signos divinos. Esta visão inclui uma abordagem devocional ou fantástica à criação e é esta abordagem que define o processo particular de aquisição de conhecimento, caracterizando a filosofia perene. Esta perspectiva deriva do monoteísmo das religiões reveladas e é fundada sobre a teologia judaico-cristã e muçulmana. Esta pia e edificante teoria aceita como condição sua a interpretação teológica do mundo criado como um sistema de signos. Uma vez que a criação supõe um criador, a teoria indica um certo conhecimento do criador, do plano para o mundo e do ato da criação, seu objetivo e seu fim (FILOSOFANTE, 2004, p. 27).

Quando se utiliza, no presente trabalho, o termo “Filosofia Perene” não se faz referência nem ao entendimento de Leibniz, nem ao de Adolf Huxley (*Religio Perennis*, essência de todas as religiões) nem mesmo à concepção dos tradicionalistas esotéricos da escola perenialista. Por “Filosofia Perene” entende-se a totalidade das verdades primordiais e universais, os axiomas metafísicos cuja formulação não pertence a nenhum sistema em particular (CRISTIANISMO.ORG,

2006). A perenidade, neste caso, não consiste na repetição *ipsis litteris* de certas teses, mas sim na conservação de um núcleo comum de pensamento configurada na forma de uma grande cadeia do ser. A metafísica da Filosofia Perene é fundamentada em verdades ontológicas cujas premissas perpassaram o pensamento de vários autores e diversas escolas de filosofia ao longo dos séculos do pensamento filosófico no Ocidente.

A Filosofia Perene, pode dizer-se, consiste também no esforço apologético de comprovar a continuidade entre a filosofia grega e o pensamento cristão. Entende-se aquela filosofia, embora transcenda as circunstâncias históricas em que se desenvolveu, e que tem como seus representantes mais conhecidos Platão, Aristóteles, Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino, embora a ela pertençam muitos outros filósofos de diversas escolas e tempos (CRISTIANISMO.ORG, 2006). A "*Philosophia Perennis*" enfatiza o aspecto de continuidade e tradição, que corresponde precisamente com o conceito de "teofilosofia" na Antiguidade cristã e nos períodos medieval e renascentista. Quando se emprega o termo Filosofia Perene no presente trabalho está a se referir ao pensamento defendido principalmente pela neoescolástica e pela filosofia neotomista.

A filosofia perene neotomista que tenta estabelecer uma ligação precisa entre o aristotelismo e o escolasticismo, no mesmo modo que fez Santo Tomás de Aquino, é distinta da que os autores da escola perenialista julgam ser no uso patrístico e renascentista da expressão. Feitas as devidas ressalvas e distinções cabe a pergunta sobre a aplicação dos princípios da filosofia perene, uma educação segundo esta filosofia, que também consiste numa pedagogia educacional, necessita de uns critérios de permanência.

Os critérios da Filosofia Perene são a busca da verdade, na pesquisa e em sua transmissão assim como a racionalidade. Este último critério se observa na seriedade com que se faz ciência – objeto e método – assim como a ligação com o ser humano. A ciência feita pela pessoa humana, de acordo ao pensamento da Filosofia Perene, deve servir à pessoa humana (COSTA, 2013). O Doutor Angélico, para estabelecer a superioridade de uma ciência, indica alguns critérios: grau de certeza a que pode chegar, a sua relação com a razão humana e a finalidade à qual uma determinada ciência se propõe. Desta maneira, pode-se afirmar que verdade, razão e finalidade são os três critérios que julgam uma ciência na clássica visão

tomista. Uma educação que se desenvolve segundo os princípios de uma Filosofia Perene não pode se esquecer desses critérios, dessa metodologia e desse processo.

A Filosofia Perene reconhece o fato de que os sistemas de Pitágoras, Platão e Aristóteles indubitavelmente expõem verdades que estão no coração do Cristianismo. Edith Stein descreve como andava a filosofia na primeira metade do século XX e como a Filosofia Perene Clássica se adaptou à modernidade:

A filosofia moderna já não via na verdade revelada uma norma para verificar resultados. Tampouco aceitava as tarefas que lhe fixava a teologia, mas queria resolver as dificuldades por seus próprios meios. Considerava seu dever limitar-se à luz natural da razão, e não ultrapassar o mundo da experiência natural. Queria ser uma ciência autônoma em toda a acepção do termo. Esta tendência a levou em grande parte a se tornar uma ciência ateia. Por isso a filosofia se dividiu em dois grupos que caminhavam separadamente, falavam línguas diferentes e não cuidavam de se compreender mutuamente: a saber, a filosofia moderna e a filosofia escolástica católica, que se considerava a si mesma como a *philosophia perennis*, mas aos olhos das pessoas que lhe eram estranhas não passava da doutrina privada das faculdades católicas, dos seminários e dos colégios religiosos. A *philosophia perennis* se tornou um sistema rígido de noções que se transmitiam de uma geração a outra, como propriedade inanimada. Sem dúvidas, a correnteza de vida se secou em outro leito. As últimas décadas se conduziram a uma mudança de situação que surgiu de várias partes. Consideremos em primeiro lugar a parte católica. Para compreender o que aconteceu, é importante recordar que a filosofia católica (e a ciência católica em geral) não são sinônimos da filosofia dos católicos. A vida intelectual católica se havia feito dependente em grande parte da vida intelectual moderna e havia perdido o laço com seu grande passado. A segunda metade do século XIX produziu um verdadeiro renascimento, um novo nascimento ao retornar a fontes melhores (STEIN, 1994, p. 64).

Em seu artigo sobre os princípios para uma educação pautada pela filosofia perene Françoá Costa ressalta a importância de um curso de educação superior começar com o estudo da Filosofia: “assim como foi através da filosofia que a ciência moderna foi chegando ao que é hoje, de maneira semelhante um Instituto de Ensino Superior deveria começar procurando pelo seu porquê” (COSTA, 2013). A filosofia continua a estar na base da ciência moderna.

Conclui-se que a filosofia clássica ou perene vai além desse ou daquele autor, de uma ou de outra escola filosófica, mas consiste num método perene, duradouro, sólido de se fazer ciência pautada pela verdade, pela razão e por uma finalidade humanista e humanizada:

A esse tipo de pensamento chamamos “clássico”, “perene”. Isto é, um pensamento e uma maneira de desenvolver a ciência que, sendo próprios de

um autor ou de uma época, continuam vivos nos mais diversos autores e sistemas que lhe sucedem. Isto é, a ciência posterior vai se desenvolvendo através daquele caminho marcado pelo autor e pela obra que nós chamamos “perenes”. Uma Instituição que deseja educar segundo os princípios de uma Filosofia Perene não fica logicamente somente no método e na citação de autores clássicos, quer mais: procura entender e aproveitar aquelas ideias que continuam sendo válidas e transmite-as aos seus discípulos, vendo ao mesmo tempo que se tratam de verdades capazes de delinear retamente o caminho do saber que se conjuga com a vida do aluno (COSTA, 2013, p. 106).

Feita a distinção entre os conceitos de filosofia perene, filosofia clássica e perenialismo, pode-se avançar e apresentar o Estagirita como um clássico da filosofia perene e seu influxo nos rumos que a filosofia tomaria a partir da Idade Média, conseqüentemente tomaram novos rumos também a educação, com o surgimento das universidades na Idade Média. Aristóteles influenciou todo o pensamento ocidental. Por mais que ele não tenha feito um verdadeiro tratado de pedagogia, aqui entende-se sua metafísica e sua ética também como um conjunto de teoria pedagógica. A educação dos primeiros séculos da era cristã assim como a Escolástica Medieval, de onde provém boa parte dos representantes da filosofia perene, estão profundamente marcadas de aristotelismo.

Aristóteles é um personagem fundamental na formação do Ocidente. A ele devemos as definições que conduzem à clareza de pensamento, o interesse pelas ciências de observação objetiva, e a dedicação ao estudo da natureza. Sem ele não teríamos o contraponto e o corretivo às lições do platonismo – este estruturou as filosofias helenísticas e sobretudo o cristianismo da primeira fase da Idade Média, mas sempre acompanhado, discretamente pelo aristotelismo, quer como apoio metódico, quer como crítica. Mas, e mais importante neste caso, o aristotelismo foi a rede de ideias básicas que esteve na criação das ciências que o próprio Filósofo desenvolveu, e que no final da Idade Média propiciaram o surgimento das ciências ocidentais modernas (DE BONI, 2010, p.9).

Uma filosofia da educação baseada nos princípios de uma metafísica e concepção antropológica perenes deve ater-se aos seus axiomas e ao modo de conceber a educação do homem. Ele foi um exímio educador, foi professor e fundou uma escola, o *Liceu*. A epistemologia do Estagirita, isto é sua filosofia do conhecimento humano, se baseia na felicidade (SOARES, 2014). É preciso estudar o ser do sujeito da educação, animal racional, passível de ser educado. Na seqüela de Aristóteles a filosofia perene não se descuida do estudo da ontologia, da metafísica nem da antropologia. O que constrói esse ser é a educação. Em suas principais obras,

Ética a Nicômaco e A República, Aristóteles tratou desses temas. Analisar-se-á com mais detenção o proposto na Ética a Nicômaco, sobre tudo no que concerne à finalidade do saber.

Para Aristóteles o homem é um ser social por natureza e deseja naturalmente saber. O seu fim último coincidiria, portanto, com a finalidade da pólis. “Admite-se geralmente que toda arte e toda investigação, assim como toda ação e toda escolha, têm em mira um bem qualquer; e por isso foi dito, com muito acerto, que o bem é aquilo a que todas as coisas tendem” (ARISTÓTELES, 1991, p. 2). Portanto, da educação moral e ética dos cidadãos depende o bom andamento do Estado. O alcance do seu fim último que é a felicidade de todos (SOARES, 2014).

Na Ética a Nicômaco, Aristóteles apresenta o esforço moral, a virtude, *areté*, como um caminho de felicidade pessoal. A virtude não consistiria na felicidade em si, mas sim a prática da virtude. Ele dividiu as virtudes em dois grandes grupos, a saber: intelectuais e morais. Ao primeiro tipo de virtude se chega pela instrução, pela educação. As do segundo grupo se adquirem pelo hábito. Aristóteles acunhou um termo para essa felicidade: *eudamonia*. A esse tipo de felicidade, no pensamento do Filósofo, só se ascende pelo caminho da educação. “Evidentemente a melhor forma de governar é aquela em que qualquer pessoa, seja ela quer for, pode agir melhor e viver feliz” (ARISTÓTELES, 1985, p. 317).

Na síntese do pensamento aristotélico o homem, animal racional, pode aceder à felicidade pelo uso da razão. Na Ética a Nicômaco Aristóteles assume o papel de um pedagogo, apresenta-se como um pai preocupado com a formação e educação de seu filho e também com a sua felicidade (BARROS, 2017). Apesar de não ser a sua uma obra nítida e explicitamente pedagógica, a ética e a moral aristotélicas apontam para uma filosofia de educação. De fato, seus valores perenes e imutáveis, por pertencer à essência do homem, inspiraram modelos educacionais ainda válidos para os dias atuais. Uma atenta educação, de qualquer ramo das profissões contemporâneas, não se esquivará de deixar nos futuros profissionais uma marca indelével de virtudes intelectuais e morais, instrução e hábitos bons que tornarão o profissional feliz e plenamente realizado em sua vida:

Não é menos verdade que, em seu conjunto, o humanismo clássico aparece profundamente marcado pelo ideal personalista, ideal aliás característico deste período helenístico em que o classicismo assumiu sua forma definitiva. A educação clássica busca formar o homem enquanto homem, e não

enquanto elemento a serviço de um maquinismo político, enquanto semelhante a uma abelha na colmeia (MARROU, 1973, p. 352)

O ideal ético de felicidade apresentado por Aristóteles aponta para uma formação/educação do homem como um todo. Não é possível imaginar uma formação de um ser humano corpóreo e ao mesmo tempo espiritual, no sentido transcendente em contraposição ao imanentismo que ele compartilha com os demais animais, sem um cuidado atento a alguns valores humanos perenes, que perpassam todas as épocas e culturas por pertencer ao homem. Para Aristóteles a felicidade é o fim último do ser humano, o bem que se busca. Assim a finalidade da educação não poderia ser um fim diverso ao fim do homem. É preciso que coincidam. Essa felicidade consiste na plena realização das próprias capacidades. Assim tal felicidade será alcançada pelo homem quando as suas ações estiverem em plena conformidade com a atividade racional (CRISTIANISMO. ORG, 2006).

3. A CONTEMPLAÇÃO COMO OBJETO DO CONHECIMENTO EM TOMÁS DE AQUINO

Na Idade Média, Tomás de Aquino despontou-se como o principal comentador e intérprete de Aristóteles. Segundo Aristóteles, a perfeita atuação da razão verifica-se na contemplação. Logo, a verdadeira felicidade é constituída pelo prazer junto com a contemplação, em harmonia com contemplação e a seu serviço (BARROS, 2017). O Doutor Angélico aprofundará as reflexões filosóficas aristotélicas e as aplicará, de modo mais contundente, à educação:

Foi, pois, necessário um longo debate com Aristóteles para, valendo-se de seus princípios, formular uma argumentação que se coadunasse com as convicções da fé cristã. Talvez, hoje em dia, alguém, olhando para Tomás de Aquino, doutor 'oficial' da Igreja, tome-o como um reacionário que não vale a pena mais ser lido. Mas foi este homem que, melhor do que ninguém, fez Aristóteles voltar a falar e, com isso, renovou profundamente o pensamento cristão. O que hoje pode parecer repetição do óbvio para os desavisados, foi outrora uma novidade revolucionária. E os grandes revolucionários do pensamento são sempre atuais (DE BONI, 2010, p. 18).

O Aquinate desenvolverá o conceito de contemplação como o objeto do conhecimento humano. Tal contemplação consistiria na felicidade obtida pela educação, pelo conhecimento. Em tempos de grande tecnicismo é preciso resgatar na educação a capacidade de contemplar, de admirar, já que isto foi justamente o que possibilitou o surgimento do pensamento filosófico: a capacidade de maravilhar-se, de assombrar-se, de questionar o porquê mais profundo das causas detrás de cada efeito:

Levar o homem à contemplação é, pois, a finalidade última de todo esforço educacional, segundo os textos filosóficos de Santo Tomás de Aquino. Porém, temos ainda uma outra faceta do mesmo problema: este esforço educacional não pode se limitar apenas ao trabalho do educador. Em seus textos de filosofia, comentando Aristóteles, Santo Tomás de Aquino coloca a felicidade do homem, a tanto quanto pode chegar a razão humana sem o auxílio dos dados da revelação, como estando na contemplação. Mas no Comentário à Política ele explica como a sociedade perfeita não é aquela que apenas tutela a liberdade dos cidadãos, mas aquela que garante efetivamente todas as possibilidades para estes chegarem a ser felizes. Não é somente para viver, mas para viver felizes, que os homens estabeleceram entre si a sociedade, já que é a finalidade dela a felicidade na vida. Portanto, 'quando se deseja investigar qual a melhor forma de governo, deve-se começar a expor qual é o gênero de vida que se deve preferir a todos os demais' (CRISTIANISMO. ORG, 2006, p.9).

Muito se conhece, sobretudo no ambiente eclesial cristão, da filosofia e da teologia de Tomás de Aquino, contudo seu contributo para a educação ainda necessita de um maior aprofundamento. Sua grande importância para a educação reside na sua antropologia filosófica. Ele dirime a problemática do dualismo platônico que antagonizavam alma e corpo. Tomás de Aquino não nega a iluminação divina, mas afirma que essa se dá no próprio ser humano racional. O homem está constituído da capacidade da luz natural da razão, por conseguinte pode ensinar e aprender. Eis o lado humano da educação apresentado no pensamento tomasiano: é o próprio homem quem ensina e aprende (FILOSOFANTE.ORG, 2018).

Para a tradição da filosofia perene Tomás de Aquino representa um ícone importantíssimo. Sua sintetização da filosofia grega e a religião cristã, assim como a junção das tradições filosóficas greco-latinas com as tradições teológicas judaico-cristãs foram de uma originalidade ímpar e insuperável no mundo cristão. Sua abertura e diálogo com o contraditório marcam profundamente o modo de fazer filosofia segundo princípios e valores perenes. A busca pela verdade deve prevalecer sempre no diálogo com as diferentes correntes de pensamento filosóficos e educacionais. O modo de discorrer sobre os diversos temas, apresentando teses, antíteses e concluindo com uma síntese e a apresentação do ponto de vista do argumentador pode ser posto, com grande proveito, como um método pedagógico de grande valia para o ensino ainda hoje. Havia nesse método coesão e coerência (BATISTA, 2010).

O Aquinate deu um forte contributo para o pensamento universitário incipiente na Idade Média. De Boni (2010, p.115) afirma que a partir do pensamento aristotélico traduzido em Santo Tomás de Aquino “[...] se pode concluir que o bem supremo possível ao homem consiste no conhecimento da verdade, na prática do bem e no deleite de ambos”. Estes grandes homens relegaram para nós a convicção profunda de que o homem possui o desejo de conhecer e quanto mais conhece, mais deseja conhecer as causas que a produzem, até chegar à causa suprema. Eis a felicidade do homem: sair da escravidão da ignorância e vislumbrar com uma contemplação intelectual assombrosa a luminosidade da verdade.

A questão da educação é colocada por Tomás de Aquino dentro de suas concepções antropológicas e gnosiológicas. O ensino é visto em sua obra *De Magistro*, dentro das questões disputadas sobre a verdade, de acordo com sua visão de homem e de conhecimento. A palavra educação não é apresentada de forma

explícita na obra, porém indica sempre uma extração de algo que está em potência para sua atualização.

Para ele o aluno é o responsável último da condução desse ato do ensino. Não existe uma condução quase coercitiva por parte do professor:

O professor infunde conhecimento no aluno no sentido – numérico – de que o mesmo conhecimento que está no mestre passe para o aluno, mas porque neste, pelo ensino, se produz passando de potência para ato um conhecimento semelhante ao que há no mestre (LAUAND, 2010, p. 35).

O professor se encarrega de ensinar (*en- signar*), ou seja, mostrar os sinais para que o aprendiz apreenda, a partir dos signos. A causa eficiente do conhecimento é o aluno (LAUAND, 2004). Na concepção antropológica e educacional do Aquinate a pessoa humana só é verdadeiramente professora de alguém, ensinando a verdade e iluminando a mente, não na medida em que incute a luz da razão noutrem, mas sim na medida em que media o processo do raciocínio através daquilo que propõe de fora:

O médico cura não porque tem a saúde em ato, mas porque tem o conhecimento em ato. Assim pode causar a saúde em si mesmo quem, não a tendo em ato, tem, contudo, o conhecimento de sua arte; o que não pode se dar é que alguém tenha o conhecimento em ato e não o tenha para poder ensinar a si mesmo (LAUAND, 2010, p. 43).

Em soma, para nosso ilustre filósofo, na transmissão de conhecimento, o educador não pode ser a causa principal do conhecimento, mas sim o aluno. A missão do professor não é a de incutir a ciência ou despejar conhecimento, mas a de ser auxiliar do discípulo na consecução do saber. Ele compara o processo ocorrido na relação discípulo-aluno ao que ocorre com o médico-paciente. O médico causa a saúde no enfermo através das operações da ciência médica. O mesmo faz o educador ao tornar o conhecimento possível ao discípulo, isso é ensinar.

Conclui-se que a contemplação da verdade seja a finalidade última do processo educacional. Na consecução de sua finalidade reside também sua felicidade:

Em pedagogia, portanto, segundo a filosofia perene, não se pode postular um fim arbitrário para o sistema educacional, apenas para dar coerência e proporção entre os diversos meios que serão usados para educar o aluno não se pode também estabelecer como fim do sistema educacional objetivos impostos por circunstâncias de mercado, por programas políticos, por

necessidades militares, ou outras metas baseadas em utilidades imediatas em geral (CRISTIANISMO.ORG, 2006).

Insista-se, em educação, a reflexão de que sua finalidade seja a mesma do homem que é educado. Que haja, nas finalidades do ensino, metas diferentes daquelas presentes no ser humano torna confuso todo e qualquer projeto educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

In omnibus respicem finem! Em todas as coisas que façamos, busca o fim, a finalidade. Esse legado de saber dos latinos serve para concluir a presente pesquisa. É preciso ter clara a finalidade da educação, tanto para os docentes quanto para os discentes. Faz-se necessário revisitar sempre as origens e elas retomar quando o rumo é extraviado. A visão da filosofia clássica e perene, greco-romana, marcou profundamente o pensamento educacional ocidental e não pode ser deixada de lado.

A educação superior deve ater-se a educar o homem como um todo. É preciso formar técnicos e profissionais gabaritados em suas respectivas áreas de competência e ciência, porém não se pode relegar ao esquecimento que a finalidade última do ser humano é sua completa realização e felicidade. O desejo inato de conhecer preenche as expectativas transcendentais do homem. Não é possível, sob pena de fracasso, oferecer-lhe uma educação e o ensino com objetivos e finalidades meramente imanentes.

A sabedoria dos clássicos ilumina uma busca crescente e atual de inovação no campo educacional. É preciso pensar o pensamento educacional. A filosofia perene, no seu rigor lógico e na sua busca honesta pela verdade, pode contribuir enormemente para uma filosofia da educação na contemporaneidade. Ainda há muitos diálogos que podem ser estabelecidos entre os teóricos da educação contemporâneos e os da antiguidade clássica e medieval.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **De Magistro**. 2d. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

AQUINO, Tomás. **De Magistro, Questões discutidas sobre a verdade, XI**. Tradução Maurílio J. O. Camello. São Paulo: Unisal, 2000.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. **Os Pensadores**; v.2. 4. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

_____. **Metafísica**: Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de G. Reale. Traduzido por Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002, v. II.

BATISTA, Gustavo Araújo. **O pensamento educacional de Santo Tomás de Aquino como consequência de sua teologia e de sua filosofia**. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article.pdf>>. Acesso em: 18 set 2018.

BARROS, Raimundo Lázaro da Silva. **A felicidade em Aristóteles no livro Ética a Nicômaco**. Disponível em: <<http://catolicadeanapolis.edu.br/revistamagistro/wp-content/uploads/2017/09/a-felicidade-em-aristoteles-no-livro-etica-a-nicomaco.pdf>>. Acesso em: 11 set 2018

COSTA, Françoá. **Sofia e Pedagogia**: para uma educação pautada pela filosofia perene, 2013. Disponível em: <<http://catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-content/uploads/2013/10/8-SOFIA-E-PEDAGOGIA-PRINCÍPIOS-PARA-UMA-EDUCAÇÃO-PAUTADA-PELA-FILOSOFIA-PERENE.pdf>>. Acesso em: 20 set 2018

CRISTIANISMO.ORG.BR. **A educação segundo a filosofia perene**. Disponível em: <<http://www.cristianismo.org.br/efp-ind.htm>>. Acesso em: 03 jul 2018.

DE BONI, Luis Alberto. **A entrada de Aristóteles no Ocidente Medieval**. Rio Grande do Sul: Est Edições, 2010.

FERREIRA, Evandson Paiva. **Paidéia e a formação humana**: uma interrogação sobre o sentido da educação. Disponível em: <http://ppge.fe.ufg.br/up/6/o/Dissert_-_Evandosn_Paiva_Ferreira.pdf>. Acesso em: 08 set 2018

FILOSOFANTE.ORG.BR. **Filosofia tomasiana**, 2014. Disponível em: <<http://www.filosofante.org/filosofante/?mostra=noticia&ver=2&le=F12&label=Teologia Natural Tomasiana>>. Acesso em: 08 set 2018

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia**: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LAUAND, Jean Luiz. Introdução. In: AQUINO, Tomás. **Sobre o ensino (De magistro)**, Os sete pecados capitais. Tradução e estudos introdutórios por Jean Luiz Lauand. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **O que é uma universidade? Introdução à filosofia da educação de Josef Pieper**. São Paulo: EDUSP-Perspectiva, 1987.

MARROU, Henri-Irénée. **História da educação na Antiguidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973

MELO, José Joaquim Pereira. **A educação e o Estado Romano**, 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article.pdf>>. Acesso em: 18 de agosto 2018

NILSEN, Henrique Neto. **Filosofia da educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

PLATÃO. **As leis**. São Paulo: Edipro, 1999.

_____. **Timeu-Crítias**. Tradução: Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de estudos clássicos e humanísticos, 2011.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena da. **Estudos de história da cultura clássica**. II Volume – Cultura Romana. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3999314/mod_resource/content/1/PEREIRA.pdf>. Acesso em: 15 set 2018.

SOARES, Frederico Fonseca. **Reflexões sobre a educação no pensamento de Aristóteles**. Disponível em: <<http://www.filosofiacapital.org/ojs-2.1.1/index.php/filosofiacapital/article.pdf>>. Acesso em: 02 out 2018.

STEIN, Edith. **Ser finito y ser eterno**: ensayo de una ascensión al sentido del ser. México: Fondo de cultura económica, 1994.

TEIXEIRA, Anísio. Filosofia e educação; in: **Educação e o mundo moderno**. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1977.